

Educação para a Sexualidade

Textos para actividade de Trabalho de Grupo sobre Conceitos de Família/ Parentalidade e “Novas Famílias”

I

Definições de Família/ Parentalidade

“A família é um padrão universal do viver humano. É a unidade do crescimento, da aprendizagem e da experiência; do êxito e do fracasso; e também da saúde e da doença.”

Natham W Adkerman

“A família é um conjunto de elementos ligados por um conjunto de relações em contínua interacção com o exterior e mantendo o seu equilíbrio ao longo de um processo de desenvolvimento.”

Daniel

Sampaio e J. Gameiro

“Uma família é duas ou mais pessoas que se consideram como tal e que assumem obrigações, funções e responsabilidades geralmente essenciais para a vida familiar”

Barker

“A família é um grupo de referência para o indivíduo, desde que nasce até que morre”

“Reder, Duncan e Lucey (2003a) definem as avaliações da parentalidade “como um processo planeado” (p. 3), capaz de identificar as preocupações acerca do bem-estar de uma criança, de transmitir informações acerca do seu funcionamento e do dos pais e de formar uma opinião acerca da forma como as necessidades da criança estão a ser satisfeitas.”

Celso Gutfreind

Parentalidade é o processo psicológico que torna um sujeito pai e mãe.

O conceito de parentalidade passa por três eixos:

- Biológico (Genético)

- Jurídico (Legislação)

- Processo psicológico (afectivo - emocional)

Susana Algarvio & Isabel Leal*

Novas famílias.

Primeira história

As duas mães

Rita abriu o envelope e começou a chorar como uma criança. Era o resultado do teste de gravidez. Joana, a sua companheira, ia ser mãe. A maternidade tinha sido cuidadosamente planeada por ambas, era um projecto das duas. E as duas, ao lerem o relatório do exame, sentiram-se mães. É assim também que Miguel, o filho, com pouco mais de um ano, as vê. Elas olham para ele como «**o culminar da relação**».



Conheceram-se há oito anos e, pouco depois, por força das circunstâncias - os pais de Joana não aprovaram a sua orientação sexual e expulsaram-na de casa - estavam a viver juntas. E a enfrentar da mesma forma as dificuldades. Conquistada a estabilidade, na margem sul, cada uma com o seu emprego (Rita, 27 anos, trabalha na área da segurança, Joana, 28 anos, é professora), construíram uma vida a duas. Uma intimidade conhecida (e agora aceite) das respectivas famílias, mas que não assumem junto dos colegas, nem ostentam em público. A ponto de, quando Miguel for baptizado, estar decidido que Rita será a madrinha.

O filme **Amor no Feminino**, onde são retratadas três histórias de amor lésbico, fez o «clic» nas cabeças de Rita e Joana: no terceiro enredo, Ellen Degeneres e Sharon Stone vivem uma história de amor à qual falta um filho, que chega com uma inseminação artificial. Joana pensou: «**É capaz de resultar!**»

Numa clínica em Lisboa, o médico comunicou-lhes que por razões de ordem ética não poderia fazer a inseminação. Mas sugeriu que as próprias a concretizassem - o plano era simples: uma inseminação artificial caseira, leia-se, feita em casa. Com esperma de um dador, Joana engravidou à segunda tentativa. «**Eu própria não acreditava que isto fosse possível...**»

Miguel chama mamã às pessoas de quem gosta, e Joana sabe que a sua «dificuldade vai ser explicar-lhe que tem duas mães». Não se rala com a presença de uma figura masculina, pois conta com o apoio dos avós e tios na família. E Rita sente-se mãe: «A Joana é a mãe biológica dele, mas sei que ele sente a minha ausência», sorri. Para o ano planeia ser ela a grávida.

Os vizinhos deverão ter estranhado a situação, mas nem lhes foi dado espaço para interferirem. «Tratamos com muito respeito. Devem ter ficado baralhados quando me viram grávida», brinca Joana. Quando olha para trás, reflecte: «Passámos um bocado... Temos daquelas lindas histórias de amor».

Segunda história

O pai que não se casou

Há 12 anos, Alexandra propôs a João ter um filho. Conheciam-se através de amizades comuns, não namoravam e, na altura, ambos eram bissexuais. João estava à beira dos 30. Achou que o «timing» era bom. «Nunca tinha estado muito amargurado a pensar se ia ou não ser pai», recorda. Não viveu com a mãe do filho. A ideia não era terem uma relação amorosa, era terem o Rodrigo, que é já um pré-adolescente.

O romantismo entre os dois não pegava até que, «idilicamente, houve um fim-de-semana em que tudo se proporcionou». O clima amoroso durou uns dias e cada um seguiu o seu caminho. Um mês depois João ficou a saber que ia ser pai. «Uma vez fomos ao cinema e ela pôs a minha mão na barriga para sentir o bebé mexer», conta João. Fora as consultas e alguns encontros, o trabalho que o obrigava a viajar frequentemente e a própria relação que tinham não resultavam num contacto maior.



Foi João quem mudou a primeira fralda do filho. A mãe estava exausta, depois de uma cesariana precedida por longas horas em trabalho de parto. «Só nesse dia é que achei que estava a ser pai», explica. Até àquele dia, nada na sua vida tinha mudado.

Depois passou a organizar-se em função do menino. Quando já dependia do biberão, era o pai que cuidava dele sozinho. Em caso de dúvida perguntava à mãe do Rodrigo, ou à sua, que sabia de todos os contornos da história.

O rapaz vive com a mãe e está com o pai consoante a disponibilidade deste. Quando os três fazem um programa, Rodrigo arrisca a sugestão típica do filho de pais separados: «Porque é que o pai não namora com a mãe?»

A homossexualidade dos pais é tema de que não se fala. As namoradas da mãe ou os namorados do pai nunca foram apresentados como tal: eram amigas e amigos. «Ele já percebeu muita coisa. Apercebeu-se de que os pais são diferentes dos outros pais. E não é por serem separados». João prefere esperar. Foi-lhe dito, pelos especialistas que contactou, que aguardasse até ao filho fazer as perguntas: até o Rodrigo sentir a necessidade de falar. O que ainda não aconteceu. «Nunca me perguntou se sou homossexual».

João não teme pelo futuro. Vê no Rodrigo um miúdo «confiante, seguro, vaidosíssimo». E com uma educação completa, que passa pela mãe, pelo pai, por outros familiares e pelos amigos próximos dos pais. O jovem conhece casais assumidamente «gays», amigos dos pais, e, segundo João, «aceita. Não faz perguntas, fica muito atento».

Rodrigo apresenta menos as namoradas aos pais, está sempre a trocar. Agora é o pai a reclamar o tempo do filho. E por menos que seja, vale-lhe sempre o conforto de saber o quanto melhorou como pessoa. «Por ter tido um filho».

Terceira história

Divorciada e mãe solteira

Mariana vive numa cidade do centro do país, trabalha com crianças, tem um filho e está grávida de outro. Os dois foram concebidos via inseminação artificial caseira, com o mesmo dador - um amigo. Longe da confusão de Lisboa, a vida de Mariana é tão sobejamente conhecida, onde habita, como é aceite sem restrições. Até as funcionárias do infantário sabem que o pequeno Pedro tem duas mães, Mariana e Clara, que, já separadas, «partilham a custódia» do menino.

A relação mantinha-se estável há anos e Mariana desejava muito ter um filho. Aliás, o que ela não queria era ter um filho único. Através de um dador amigo, conseguiu engravidar à terceira tentativa.

«Esta criança tem duas mães, não tem um pai. Houve um dador. Foi esse o papel que ele desempenhou. Toda a responsabilidade, direito, empenho, será sempre destas duas mulheres que decidiram levar esta gravidez avante», esclarece, muito explicativa. E adianta que isso será transmitido ao Pedro: «Ser-lhe-á dito que não tem pai. E as explicações vão 'complexificar-se' à medida que ele crescer».



Pouco depois do nascimento do Pedro, Mariana e Clara separaram-se. «Não foi nada fácil. Mas quando se decide ter uma criança com outra pessoa deve-se confiar nela para além da relação», defende, serena.

As duas mulheres conseguiram o que para muitos casais heterossexuais com filhos é uma batalha feroz: partilhar a vida de uma criança após a separação.

O Pedro passa fins-de-semana alternados com cada mãe - são ambas «mãe» ou «mamã», ainda não houve uma diferenciação e quando a houver será ele a escolher - e nos dias de semana também se revezam.

Ora uma, ora a outra, vão buscá-lo ao infantário, que está informado acerca do agregado familiar do Pedro: duas mães com iguais responsabilidades.

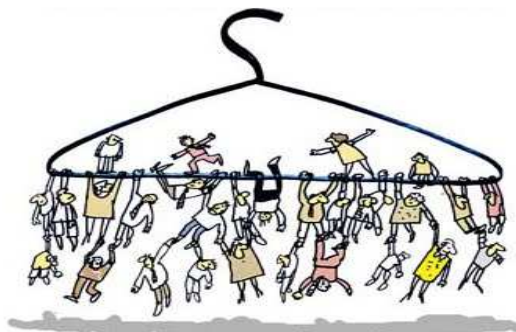
Mãe de parir foi só uma, mas Clara esteve presente nesse momento. Mariana recorda, sem resquício de crítica, a actuação dos médicos: «Foi assumido que ela era a minha companheira, o que lhes causou uma certa estranheza, mas isso é normal. O tratamento foi sempre de extrema simpatia, atenção e cuidado».

Essa hora, que se deseja sempre pequena, prepara-se para se repetir. Mariana voltou a contar com a ajuda do mesmo dador, que fez o novo contributo por amizade, pois não tem desejo de ter filhos. Terá um apoio idêntico da família, que já tinha aderido sem limites aos encantos do Pedro, o primeiro neto rapaz. «Tenho uma boa estrutura familiar e uma boa rede de amigos. Não são precisas duas pessoas, são precisas 20 para acompanhar e criar uma criança».

A vizinhança também vai deixar-se seduzir pela criança que está para chegar. Na primeira gravidez, os vizinhos ficaram desorientados: «Foi uma grande escandaleira», diverte-se Mariana. «Perguntavam-me como tinha engravidado». E ela explicou.

Quarta História

Os teus, os meus e os nossos



Divorciado, com várias relações no currículo de uma delas nasceu um filho, o economista Jorge Beja, 47 anos, entrou numa nova aventura. De homem «solteiro» que residia sozinho e era pai de fim-de-semana, passou a «chefe da tribo». Na casa de seis assoalhadas onde agora habita, no concelho da Moita, vive o filho Mário, 10 anos cuja mãe foi para a Irlanda residir e trabalhar, Adosinda Brito, 40 anos, mãe de Gonçalo, 6 anos, e sua actual companheira, e o filho de ambos, Hugo, 2 anos. Já fazem a declaração de impostos em conjunto e gerem as rotinas ao momento: ele leva a criançada à escola, ela sai mais cedo do café onde trabalha e adianta banhos, roupas, jantar. Não se atrapalham com a divisão das férias, os fins-de-semana dos filhos de cada um com os respectivos pais, e em casa não há distinções no tratamento da fratria resultante de três uniões de facto.

Ainda assim, Jorge Beja confessa as saudades de estar sozinho, embora acredite que «o amor vence todas as dificuldades».

Quinta história

Filho de coração



João Eduardo, 8 anos, assiste, no seu quarto, aos desenhos animados, acompanhado do cão Belchior. A casa, restaurada há quatro anos, é suficientemente espaçosa para ele, a mãe Fátima Meireles, advogada de 45 anos e os avós maternos, que são de Santarém mas param aqui com frequência. Fátima ainda se lembra de quando o viu pela primeira vez na aldeia de Ingoré, na Guiné-Bissau: um ano de vida e apenas cinco quilos, órfão de mãe, o pai sem condições. A adopção fez-se em seis meses, um ano depois a sentença foi reconhecida em Portugal.

Estava cumprido o sonho de adolescente: ter um «filho de coração», que superou a paixão da advocacia e os ritmos loucos de trabalho. A meio da tarde, Fátima vai buscar o filho, que está no 1.º ano, à escola, acompanha-nas sessões de terapia da fala, da motricidade e da música a desnutrição precoce produziu alguns danos cerebrais. Quando ele já dorme, ela, então, retoma o trabalho pendente, no conforto da sua sala. «Casar e engravidar nunca fez parte do meu projecto de vida; mas vivi os meus amores. Agora, tenho este Anjo que Caiu do Céu [título do livro ilustrado que Fátima fez para a criança] e quero ensiná-lo a voar.»